

## LÉXICO, REGRAS E IDIOSSINCRASIAS

IDA REBELO

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

### Resumo:

O objetivo deste artigo é lançar alguma luz sobre as estratégias de seleção lexical postas em prática por tradutores e usuários não especialistas de uma língua estrangeira, além de sugerir possibilidades de lidar com a transposição de vocabulário de uma língua para outra, atendendo às imposições que se colocam ao profissional de tradução, como fidelidade ao conteúdo na língua-fonte e adequação aos usos na língua-alvo. Tentamos estabelecer um diálogo entre áreas de pesquisa, apresentando as propostas de dois modelos de constituição do léxico (Bybee 1985; DiSciullo & Williams 1987) e confrontando-os com estudos que tanto apresentam discussões teóricas (Basílio 1980; 1993; 1997 e 1998; Nattinger, J. R. e J. S. Decarrico 1992; Gross, M. 1982) como resultados de pesquisa voltada para a área da tradução (Correia, M. 2002), da lingüística computacional (Carvalho, P. 2001; Baptista, J. 1994) e do ensino de português para estrangeiros (Scherer, M. 2002).

### Palavras-Chave:

Léxico; Seleção lexical; Produtividade.

### Abstract:

*This paper aims to shed some light on the way both translators and foreign language speakers make vocabulary choices. Another more specific objective is to suggest a means to deal with problems raised by the need for accuracy in the source-language text and for adequacy in target-language use. A kind of dialogue is established between multiple research fields by presenting, on the one hand, two works that consider the problem of lexical acquisition and human lexicon differently (Bybee 1985; DiSciullo & Williams 1987) and, on the other, theoretical discussions (Basílio 1980; 1993; 1997 and 1998; Nattinger, J. R. and J. S. Decarrico 1992; Gross, M. 1982) and findings in different research fields like translation (Correia, M. 2002), computational linguistics (Carvalho, P. 2001; Baptista, J. 1994) and Portuguese as a Foreign Language teaching (Scherer, M. 2002).*

*Keywords:*

*Lexicon; Lexical choice; Productivity.*

## 1. INTRODUÇÃO

A área da tradução, como campo de estudo e atividade profissional, presta-se a diferentes abordagens, não só devido ao fato de ser dinâmica e abranger vários aspectos do fenômeno lingüístico, como também por estar sendo, constantemente, enriquecida e confrontada pelas novas produções existentes em uma língua. Produções essas que se apresentam como desafio aos tradutores, experientes ou novatos.

Assim, atrevemo-nos a tocar em um aspecto da atividade do tradutor que envolve conhecimento do léxico de ambas as línguas envolvidas, mas, também, como quase tudo nesta área, habilidade para fazer escolhas e sensibilidade para avaliar a qualidade da escolha feita.

Tomamos como ponto de partida modelos teóricos propostos para o armazenamento e produção de vocabulário numa dada língua e buscamos levantar algumas contribuições que esses modelos possam trazer para o fazer do tradutor.

No tratamento dado às questões morfológicas em diversos autores teóricos há renovadas tentativas de lidar com a questão da formação e análise de palavras novas e seu armazenamento dentro de uma projeção teórica da faculdade da linguagem. O processo envolvido suscita questionamentos de diversas ordens entre pesquisadores de correntes teóricas variadas e serve de motivação para o presente trabalho.

Propomo-nos, aqui, usar elementos de dois modelos de processamento da linguagem em busca de estabelecer as diferentes maneiras como pode ser tratada a questão da formação de palavras na passagem de uma língua para a outra e as soluções que o tradutor pode encontrar num tipo de tradução que não se propõe literal mas fiel ao conteúdo como, em geral, se apresentam as traduções de textos técnicos ou naqueles onde a informação contida é um objetivo que se sobrepõe à forma do texto.

Procedemos, inicialmente, à comparação de aspectos gerais dos modelos teóricos propostos. São eles: DiSciulo & Williams 1987 e Bybee 1985. Colocamos em paralelo as maneiras como cada modelo apresenta os constituintes do léxico bem como os diferentes encaminhamentos teóricos para as questões das condições de produção a luz de conceitos colhidos em Basílio (1980; 1993; 1998).

Ao tentar delimitar os procedimentos teóricos pelos quais os autores em questão explicam a aquisição do léxico, buscamos estabelecer como e se esses procedimentos podem dar conta de desvios na tradução de alguns aspectos do léxico do português em relação ao francês e ao inglês.

## 2. CARACTERÍSTICAS DOS MODELOS DE TRATAMENTO DO LÉXICO (1)

Pode-se dizer que os modelos mencionados são os extremos de um mesmo contínuo, pois, enquanto Bybee extrai as regras de formação de palavras de generalizações feitas a partir das representações, ou seja, do conjunto de objetos que constituem o léxico da língua, D&W não se ocupam do léxico por considerá-lo um conjunto desestruturado de objetos incharacterísticos – até mesmo na sua representação, uma vez que podem constituir-se de palavras ou frases – que não obedecem a regras morfológicas ou sintáticas.

Bybee, por sua vez, procura similaridades entre os elementos do léxico que possam identificá-los com subconjuntos partilhando determinados padrões de formação. D&W usam as irregularidades de formação como argumento para deixar de lado esses produtos talvez por não conseguirem estabelecer regras com alto grau de generalidade para a totalidade de elementos enfocados em um único conjunto. (2)

### 2. 1. Constituintes do léxico

No modelo de Bybee a abordagem se faz a partir da consideração e determinação de **processos** e **propriedades** tais como: «conexões lexicais», «segmentação», «graus de relação», «força lexical», «interação entre força lexical e conexão lexical».

No modelo de D&W, por sua vez, a propriedade relevante por excelência é a da «listagem/listabilidade», ou seja, ser ou não listado para os elementos reais, e ser ou não listável para os produtos potenciais da atividade lingüística é que define os objetos lingüísticos e as operações que precedem a sua produção.

Independentemente dos julgamentos avaliativos que cada um dos modelos estabelece sobre o léxico, os dois modelos reconhecem que os elementos desse léxico apresentam uma grande variedade na forma.

Se compararmos a definição de «palavra» proposta por Bybee com a especificação do tipo de objetos que compõem o léxico de D&W, defrontamo-nos com parâmetros convergentes. As palavras, sintagmas verbais, morfemas, padrões prosódicos mencionados por D&W poderiam corresponder ao que Bybee designa como palavras do léxico no seu modelo, como segue: «algumas podem ser maiores que as palavras tradicionais, algumas podem ser menores e pode haver diferenças tipológicas entre línguas».

Os itens desse léxico não são passíveis de análise, nem correspondem a regras de formação de palavras (RFP) (3). Melhor dizendo, os elementos que não podem ser analisados por regras concebidas previamente no modelo vão formar o grande conjunto de listemas que constitui o que é designado por léxico nessa teoria. Os listemas, por não serem produtos da aplicação de RFPs, são listados e devem ser memorizados. Ou seja, todas as expressões opacas e palavras que não obedecem a regras de formação de palavras seriam jogadas numa lista como num «saco de rejeitados».

Ao prender-se a um molde rígido de aplicação de regras de formação de palavras, o modelo parece ignorar todos os conjuntos de sub-regularidades que possam existir além da aplicação estrita das regras nele previstas. O conjunto de regularidades parece relevante quando se trata da atividade de tradução, pois ao considerar essas regularidades tanto na língua-fonte como na língua-alvo, tornamo-nos sensíveis aos diferentes tipos de soluções que se encontram numa dada língua para componentes de outras línguas.

Ou seja, o que no inglês é expresso por uma **locução verbal** como *would like* verte-se em português por um **tempo verbal** «gostaria»; à expressão *would rather*, por outro lado, corresponde um verbo simples, «preferir», que traz o conteúdo da expressão em inglês, mas abre para um maior número de possibilidades aspectuais ao poder ser conjugado em todos os tempos verbais. No francês *il vaut mieux* tem o mesmo significado que, pelo menos três expressões em português: «é melhor», «é preferível», «mais vale», ou mesmo o uso de «melhor», seguido de infinitivo, sem ser precedido pelo verbo «ser» conjugado.

Bybee defende o contínuo entre regras e representações. «O melhor exemplo de uma regra e o melhor exemplo de uma representação são os pólos de um contínuo.» Como se trata de um contínuo, haverá, em alguns dos listemas, regularidades identificáveis conforme a regra e, da mesma forma, em alguns dos objetos morfológicos algo que escapa à regra ou, pelo menos, uma possibilidade de que isso aconteça. Entre os substantivos deverbais, por exemplo, há regularidades que não se reproduzem de forma equivalente em todos os itens do paradigma. Vejamos, abaixo:

«Faltar» > «falta»; «alcançar» > «alcance»; «buscar» > «busca»; «caçar» > «caça»; mas «\*quedar» > «queda», a possibilidade existe e está atestada nos dicionários, porém o uso passou a atribuir um outro sentido ao verbo e esse mesmo item está em franco desuso. Temos, por exemplo, a expressão «queda de rede», na área computacional, mas diz-se que «a rede caiu» e não «quedou-se».

No caso da tradução, encontram-se elementos que podem ser em parte analisáveis conforme regras e em parte opacos. A vizinhança de certos itens lexicais, por exemplo, tem posições fixas. Não há possibilidade de intercalação. Como em «tudo isso» e «isso tudo». A atual publicidade do McDonalds trabalha com uma construção em que quase todos os elementos se alternam, mas vemos claramente a impossibilidade de intercalação. Como segue: «Amo muito tudo isso»/«amo muito isso tudo»/«amo tudo isso muito», mas não «\*amo isso muito tudo», nem «\*amo tudo muito isso».

Segundo Bybee, «a diferença entre regras majoritárias produtivas, regras minoritárias e supleção é apenas uma questão de escala.» A essa noção de escala opõe-se uma outra posição de D&W ao afirmar «o que é formalmente uma palavra é sintaticamente opaco.»

A referência à escala por Bybee traduz a idéia de que a opacidade, assim como a possibilidade de sofrer análise por regras, tem níveis de gradação. Exemplos podem ser encontrados em Nattinger & DeCarrico 1992, ao distinguirem níveis de analisabilidade no que diz respeito à constituição das expressões fixas.

Essas expressões são igualmente apontadas por outros autores como Gross 1982 apresentando diferentes graus de fixidez, o que permite que sejam, no todo ou em parte, analisáveis segundo regras

sintáticas. Há expressões que têm uma estrutura determinável e um sentido onde a composicionalidade não é de todo excluída, como: «em outras palavras»... E há, também, expressões menos transparentes ou mais opacas, como «tal qual», até estruturas completamente opacas e que não se submetem a análise, como «dar a volta por cima» ou «a torto e a direito».

Todas essas expressões, porém, serão vertidas para outra língua segundo soluções *ad hoc*, pois dependem do contexto em que estão sendo utilizadas, e conforme a possibilidade que terá o profissional de tradução de dominar um grande número de expressões com diferentes níveis de fixidez, nas duas línguas. Como exemplo, temos «fazer frente» traduzida para o francês como *faire face*, locução verbal ligada a outro substantivo, e para o inglês como *to face*, verbo simples. Dentro do mesmo campo lexical, encontramos ainda «frente a frente» que tem como correspondentes, em inglês e francês, respectivamente, *face to face* e *tête à tête*.

Esses fatos levam-nos a refletir sobre as soluções que se pode buscar ao passar de uma língua para outra um texto, mesmo que de caráter técnico. Ou seja, em um modelo de tradução que se pretenda abrangente, não basta processar as palavras, encontrando-lhes correspondentes satisfatórios. Além de dominar as relações sintáticas que ordenam as construções desse componente, é necessário ser detentor de uma ou várias listas de elementos mais ou menos idiossincrásicos nas duas línguas e fazer funcionar uma dinâmica entre essas listas. Melhor dizendo, há correspondências que não se estabelecem item a item, mas a um item pode corresponder uma estrutura sintática e vice-versa.

Uma expressão banal como *as far as* tem como correspondente «até onde». A noção de comparação se esvai na passagem para o português e cabe ao tradutor estar atento aos blocos de elementos que constituem um único item lexical, pois tem nível alto de opacidade, não sofre análise por regras e deve ser transposto na outra língua por um outro grupo de elementos igualmente opacos. A boa notícia, aqui, é que um analisador automático dificilmente consegue dar conta desses itens, o que torna a «febre» dos tradutores automáticos apenas isso, algo passageiro, e nos devolve a consciência de que esses aplicativos computacionais podem acelerar um pouco o processo de tradução no caso, sobretudo, da tradução técnica. Sem, porém, o manejo de um profissional experiente, jogam o «cliente» em situações embaraçosas, quando defrontado com o resultado obtido após a tradução.

Basílio 1980 traz uma solução de consenso ao apresentar o processamento lexical como um processo de aplicação de regras que é influenciado e retroalimentado pela lista já existente, seja ela de palavras ou frases.

## 2. 2. Estruturação e propriedades do léxico

Para Bybee, o léxico se estrutura como vários conjuntos de redes dinâmicas. O caráter dinâmico está ligado ao fato de que essas conexões variam em função da frequência dos elementos e padrões particulares. Como o uso dos itens lexicais varia no tempo, as conexões e seus elementos vão variar.

Elementos que se ligam a outros podem estabelecer novas conexões de acordo com novos sentidos e funções a eles atribuídas no uso da língua.

D&W estendem aos objetos sintáticos propriedades que são tradicionalmente atribuídas à morfologia: tais como as noções de **bloqueio, paradigma e produtividade**.

Das propriedades levantadas por D&W, a produtividade e o bloqueio parecem ser itens intimamente relacionados ao trabalho do tradutor. Começando pela primeira, não podemos falar de produtividade sem fazer referência ao seu correlato que é a produção efetiva. A primeira envolve a rentabilidade de uma regra no sentido de formar palavras potencialmente possíveis e a segunda diz respeito às produções concretas e depende de fatores de ordem paradigmática, discursiva e pragmática, ou seja, as condições de produção.

Segundo Basílio 1993, as condições de produção interferem nas operações morfológicas e se relacionam aos seguintes fatores: **lexicais paradigmáticos; de tipo de discurso; pragmáticos ou culturais; de enunciação**.

Consideramos uma questão incontornável do fazer do profissional de tradução o constante questionamento, com a necessária verificação em documentos autênticos nas línguas em questão, que leve à separação entre produtividade e produção efetiva. Melhor dizendo, é preciso manter uma atitude de constante desconfiança da nossa própria intuição para que não consideremos como elementos efetivos da língua meras possibilidades dentro da sua produtividade. Há que considerar, igualmente, quando uma forma é possível em uma das variedades de um idioma (Brasil/Portugal; EUA/Inglaterra; França/Québec), mas não na outra. Um exemplo é a aplicação de sufixos a adjetivos ou substantivos que variam de uma comunidade de fala para a outra. O termo «snobeira», de uso corrente em Portugal, tem outro correspondente no Brasil, «esnobismo», significando a atitude de alguém «esnobe».

Por outro lado, ao falar de produtividade é necessário mencionar a noção de bloqueio, inicialmente introduzida nos estudos do léxico por Aronoff 1976 (4). A ausência da propriedade de bloqueio, conforme essa propriedade é discutida por D&W, poderia servir como justificativa para descrever a forma como algumas traduções apresentam desvios na transposição de palavras de uma língua para outra. Acreditamos, portanto, que o tradutor precisa constituir uma espécie de filtro através do qual vai selecionando o que pode ou não ser possível na língua alvo de forma a estabelecer uma atitude autônoma em que a maior rapidez e eficiência com que verte está relacionada a uma capacidade de seleção entre as possibilidades da língua alvo e aquelas que realmente se concretizam.

Ao verter do inglês para o português, rejeitamos, automaticamente a forma «acreditável» como correspondente de *believable* mas podemos fazer o mesmo tipo de confusão com itens menos comuns.

A propriedade de bloqueio é, portanto, função dos conhecimentos que o usuário da língua tem da lista de elementos do léxico e ocorre sempre que, ao defrontar-se com a possibilidade de aplicação de uma regra ou regularidade, esse usuário verifica que já existe na lista um item adequado à noção que busca exprimir ou ainda que o item que selecionou não consta da lista.

No modelo de Bybee, a produtividade pode estar relacionada com a interação **força lexical/ conexão lexical**. Se a força lexical é alta, com uma alta frequência de uso do elemento focado, haverá um maior número de conexões com outros elementos da rede. A existência de mais conexões aumenta a probabilidade de novas produções. E pode-se aventar a possibilidade de neologismos como «sambódromo» a partir do paradigma «aeródromo», «autódromo», «kartódromo».

Surge, então, a idéia de que a produtividade também é função de um dado temporal e variará no tempo, assim como as conexões. Ou seja, afixos que têm alto grau de produtividade podem não perder, mas ter esse grau reduzido, conforme as bases sobre as quais atuem forem submetidas a uma menor frequência de uso, perdendo força lexical. A título de exemplo, pode-se citar Correia 2002 sobre a mudança do sufixo *-ismo*, em português, já citado neste artigo, que perdeu o caráter erudito referido por certos autores nos anos 40/50 e dá mostras de ter ganho força lexical ao se adicionar a nomes próprios como «cavaquismo» e «guterrismo», em Portugal, e a nomes compostos como «terceiro-mundismo», no Brasil.

Além disso, a mesma autora dá conta da existência de pares de substantivos abstratos em que um termina em *-ade* e o outro em *-ismo*, como: «centralismo» / «centralidade», «modernismo» / «modernidade» e «pluralismo» / «pluralidade». Cada um dos elementos desses pares responde por usos e sentidos diferentes e dão origem a impasses ao serem vertidos para outras línguas que possuam sufixos equivalentes (*-ty* e *-ité*, *-ism* e *-isme*, respectivamente em inglês e francês).

Basílio 1980 apresenta uma lista (5) de sufixos em português cujos itens são classificados pelo grau de produtividade e lembra, ainda, que «a maior ou menor produtividade do processo depende em última análise de restrições semânticas determinadas pela função», o que já lança alguma luz sobre o caso dos sufixos *-ismo* e *-idade*, mencionados anteriormente.

Embora não possamos sugerir estratégias de funcionamento no trabalho do profissional de tradução, das propriedades de produtividade e bloqueio, podemos citar exemplos do que parece ser a aplicação, ou não, dessas propriedades na produção de estudantes de Português Língua Estrangeira (PLE).

Parece que os falantes PLE, muitas vezes, usam inadequadamente as condições de produtividade, que extraem dos padrões reconhecidos nos itens já aprendidos. A inadequação se dá por ignorarem as condições de produção que, segundo Basílio 1998, «determinam circunstâncias que favorecem, dificultam ou impedem a utilização de regras para a produção efetiva de novos itens lexicais.» A própria existência da lista determina as condições lexicais paradigmáticas.

No caso do falante PLE, produzir o item «aprendimento» é como produzir um novo item lexical uma vez que esse falante encontra-se num momento anterior ao da aquisição do item «aprendizado» ou «aprendizagem». O falante utiliza, então, regras já aprendidas para formar essa palavra pela aplicação do sufixo *-mento* a uma base já conhecida. Aparentemente, o falante estrangeiro tem a intuição de que o sufixo *-mento* é mais produtivo do que *-agem*, por exemplo, para a substantivação de verbos. Entretanto, devido a uma maior especificação semântica do termo alvo, a operação morfológica que forma o **item real** vai ser direcionada para a seleção do sufixo menos produtivo em termos gerais, mas de produtividade relativamente alta quando se trata de termos com maior especificação semântica ou nomenclatura técnica.

Conforme explicitado por Basílio (1993, 6):

«A utilização de derivações para criação de nomenclatura poderá incidir mais sobre elementos semanticamente mais restritos e portanto, menos produtivos, e assim por diante. Conseqüentemente, embora possamos dizer, por exemplo que –ação e –mento são mais produtivos que –agem, porque mais gerais, ainda assim a freqüência de aplicação vai depender das condições externas de produção. Isto sugere que a pressão paradigmática entre afixos tem relevância muito relativa na morfologia derivacional.»

O falante estrangeiro tem um controle relativo sobre algumas regras de formação de palavras, mas não domina as condições de produção em sua totalidade. Assim como também não tem acesso à lista de itens idiossincrásicos necessária para a seleção correta entre bases e afixos.

Tomemos outros exemplos individualmente. «Acreditável» pode ser formado segundo dois tipos diferentes de procedimento. Por analogia, aplica-se o sufixo *-vel* a um verbo da 1.<sup>a</sup> conjugação, como ocorre em «decifrável» e «inflável». Basílio nos diz que esse sufixo é menos produtivo que *-do*, por apresentar maior especificação semântica, uma vez que «decifrado» e «inflado» têm sentido diferente das formas em *-vel*. Entretanto, neste caso, tão pouco é comum o uso de «acreditado» como adjetivo independente, embora exista o item «desacreditado». O procedimento alternativo poderia consistir em derivar-se *acreditável* da forma «inacreditável» por analogia com «indecifrável: decifrável».

O fato é que os adjetivos em *-vel* compõem várias sub-regularidades. Temos, como segue: «inflável», assim como «detestável», «amável», «passável», não tem correspondente com prefixo de negação; «incomunicável», mas «\*comunicável»; «estável» / «instável», sem que haja uma forma livre à qual os prefixos se juntem; «memorável» não tem por base «\*memorar». Sem mencionar as formas criativas como «comível» e «bebível» que têm distribuição diferente de «comestível» e «potável».

Em um outro exemplo, ocorre a produção de item já existente, «escolástico», em lugar de «escolar». O primeiro termo tem uso específico, é utilizado exclusivamente para designar um movimento intelectual e social da Idade Média, assim como o período histórico que lhe corresponde, enquanto o outro adjetivo refere-se a «escola», de maneira geral.

Ao considerar «aliação», «independização» e «mudação», talvez possamos supôr que o estrangeiro reconhece a produtividade do sufixo mas, por alguma razão, não ocorre o bloqueio dessas formas pelas formas reais. Uma conclusão possível seria que a propriedade de bloqueio ocorre prioritariamente em falantes L1, enquanto os falantes LE levam muito tempo para que se instaure esse procedimento no seu processamento lexical. No caso específico dos profissionais de tradução, essa propriedade deve ser construída formalmente através da experiência e da formação, uma vez que ser detentor da lista é um atributo que depende de tempo de aprendizado e de exposição às formas concretas do léxico de uma dada língua.

### 3. CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, recuperamos, de forma muito resumida, os elementos que, conforme nossa análise, parecem aproximar o estudo do Léxico das necessidades de formação dos profissionais de tradução. Esses elementos podem, igualmente, constituir apenas objeto de reflexão para quem se debruce sobre algumas das dificuldades com que pode se deparar qualquer um que se aventure, ainda que por diletantismo, no campo da tradução.

D&W parecem levantar uma particularidade relevante tanto para a aprendizagem de uma língua estrangeira quanto para o trabalho do tradutor: trata-se da distinção listado/não listado dos itens lexicais. Em ambos os casos, ter conhecimento da lista tem caráter decisivo na seleção de palavras que tenham aceitabilidade na língua alvo. A análise nos faz intuir, além disso, que o fato de ser listado tem ligações com fatores de ordem pragmático-discursiva que auxiliariam na decisão de aceitabilidade de elementos como «escolástico» e «independização», por exemplo.

Outra propriedade, a ser melhor estudada com vistas a uma possível utilização no aperfeiçoamento dos profissionais de tradução, é o bloqueio. Como verificado em muitos exemplos, essa noção tem ligação direta com o reconhecimento da produtividade e das condições de produção que, por sua vez, são condicionadas pelo fato de os elementos serem, ou não, integrantes da lista.

Talvez Rocha 1998 e D&W 1987 formulem o mesmo problema, ainda que suas avaliações sejam em sentidos opostos. D&W atribuem ao léxico todos os produtos que escapam à aplicação ortodoxa das regras morfosintáticas, mas alertam que conhecer a lista desses objetos faz parte do conhecimento lingüístico, como segue:

*«In sum we reject the idea that listedness is a grammatical property – the lexicon is a collection of semigrammatical objects [...]. Of course this is not to say that knowledge of the listed items of a language is not part of knowledge of that language.» (D&W 1987, 4)*

Rocha 1998, por sua vez, afirma que tudo está listado: o que é regular, irregular e as idiossincrasias, e que faz parte da competência lexical conhecer a lista.

Nesse caso, um profissional de tradução teria como tarefa basilar a decisão entre a aplicação de regras e a seleção de elementos da lista de objetos lexicais, tanto da língua-alvo, como da língua-fonte, e essa dinâmica seria orientada, sempre que necessário, pela propriedade de bloqueio. O filtro fornecido por essa propriedade é construído e acrescentado ininterruptamente ao longo do contato com a língua-alvo e a conseqüente comparação entre as listas da língua-fonte e aquelas da língua-alvo.

Em um «mundo ideal», onde a propriedade de bloqueio funcionasse perfeitamente, não seria possível encontrar-se exemplos como os sugeridos por Fernandes, 1994, como segue: «Ela abriu o jogo» / «*She opened the game*»; «uma corrente de ar» / «*an air chain*», ainda que se tratem de chistes, sua motivação são as traduções equivocadas, sejam elas perpetradas por profissionais ou amadores.

1. DiSciulo & Williams serão identificados doravante, no presente texto, apenas como D&W.

2. «*the lexicon is incredibly boring by its very nature. It contains objects of no single specifiable type (words, VPs, morphemes, perhaps intonation patterns, and so on), and those objects that it does contain are there because they fail to conform to interesting laws.*» (D&W 1987, 3).

3. A definição de RFP que adotamos aqui é a de Basílio (1997, 11) como segue: «uma RFP define construções lexicais possíveis pela postulação de uma operação fonológica sobre uma base categorial, morfológica e semanticamente especificada, que tem como produto um item lexical morfológica, semântica e categorialmente especificado.»

4. Há, em Aronoff, uma ligação direta entre produtividade e listagem pela ação do bloqueio. Assim, segundo esse autor, o bloqueio é a não ocorrência de uma forma devido à existência de outra. Evidentemente, para que isso ocorra é necessário um conhecimento da lista de objetos que compõem o léxico.

5.

PROCESSO DE MUDANÇA CATEGORIAL	Produtividade maior	Produtividade menor
Substantivação de V e A	-ção, -mento, -idade, -eza	-agem, -dor
Formadores de adjetivos deverbiais	-do	-vel
Formadores de adjetivos com base nominal	-ico, -al	-oso, -udo
Formadores de advérbios	-mente	Conversão
Formadores de agentivos denominais	-ista, -eiro	-eira, -ada

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aronoff, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

Basílio, M. *Estruturas Lexicais do Português*. Petrópolis: Vozes, 1980.

———. "Produtividade e Função do Processo de Formação de Palavras no Português Falado". In *Anais do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina – ALFAL*. 1-9. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

———. "O Princípio da Analogia na Constituição do Léxico: Regras são Clichês Lexicais". In *Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos*. 1 (1) (1997): 9-21.

———. "Observações sobre a Conceituação de "Formação", "Regra" e "Palavra" na Expressão "Regras de Formação de Palavras". In *Lingua, Lingüística e Literatura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

Baptista, J. *Estabelecimento e Formalização de Classes de Nomes Compostos*. Dissertação de mestrado. FLUL: Lisboa, 1994.

Bybee, J. *Morphology*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

Carvalho, P. *Gramáticas de Resolução de Ambiguidades Resultantes da Homografia de Nomes e Adjetivos*. Dissertação de mestrado. FLUL, Lisboa, 2001.

Correia, M. "Solução de Dificuldades Linguísticas devidas à Influência de Outras Línguas". In *SILEX* (URA 382 CNRS). FLUL: Lisboa, 2002.

DiSciullo, A. M. e E. Williams. *On the Definition of Word*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1987.

Fernandes, M. *A Vaca Foi pro Brejo = The Cow Went to the Swamp*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

Gross, M. "Une classification des phrases figées du français". *Revue Québécoise de Linguistique*. 11 (2) (1982): 151-185.

Nattinger, J. R. e J. S. DeCarrico. *Lexical Phrases and Language Teaching*. Oxford: O. U. P., 1992.

Rocha, L.C.A. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, Coleção Aprender, 1998.

Scherer, M. Uma Questão de Vocabulário – Considerações sobre o Campo Lexical no Ensino de Português para Estrangeiros. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.